

**A filosofia se aprende no colégio - história do Departamento de
Filosofia da UFPR**

**Philosophy is learned at school - history of the Philosophy Department
at UFPR**

Maria Isabel Limongi¹

Roberta Rizzo²

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.2025.v16.1263>

Resumo

Este artigo reconstitui a história do Departamento de filosofia da UFPR desde a fundação da Universidade do Paraná, em 1912, passando pela construção das figuras administrativas de ensino e pesquisa do Departamento e do Programa de pós-graduação em Filosofia da UFPR, até os dias atuais. Procura-se mostrar que, ao longo dessa história institucional, deu-se a substituição do projeto original, edificante e diretivo da filosofia, entendida como esteio e consciência moral da nação, responsável por ditar-lhe os rumos, por um projeto em que o ensino e a pesquisa filosofia servem à construção de um espaço discursivo democrático, amplo e plural, em que problemas conceituais são formulados, diferenças teóricas pesadas, contradições explicitadas, dogmas criticados, pontos de vista justificados, tendências internacionais digeridas e recriadas no cadinho local, sem qualquer e - pode-se mesmo dizer - em oposição a toda postura edificante.

Palavras-chave: Filosofia no Brasil. História. Departamento de Filosofia. Universidade Federal do Paraná.

¹ Maria Isabel Limongi é graduada, mestre e doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professora titular de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8110-5055>. E-mail: belimongi@yahoo.com.br.

² Roberta Rizzo é graduanda em filosofia na Universidade Federal do Paraná e bolsista do programa PET-filosofia/UFPR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7233-7761>. E-mail: rrizzodittrich@gmail.com.

Abstract

This paper reconstructs the history of the Department of Philosophy at UFPR from the founding of the University of Paraná in 1912, through the construction of the administrative figures of the Department and the Postgraduate Program, to the present day. The aim is to show that, over the course of this institutional history, the original, edifying and directive project of philosophy, understood as the mainstay and moral conscience of the nation, responsible for dictating its course, was replaced by a project in which philosophy teaching and research serve the construction of a democratic discursive space, in which conceptual problems are formulated, theoretical differences weighed up, contradictions made explicit, dogmas criticized, points of view justified, international trends digested and recreated in the local crucible, without any and - one might even say - in opposition to any edifying posture.

Keywords: Philosophy. History. Department of Philosophy. Federal University of Paraná.

Introdução

Quando se trata de filosofia no Brasil é imprescindível levar-se em conta a história dos departamentos de filosofia no Brasil. Pois é no interior das Universidades, como filosofia universitária, que a filosofia tomou caldo. Aqui se tratará da história do Departamento de filosofia da UFPR.

Esta história pode ser dividida em três momentos. O primeiro vai de 1912, com a criação da Universidade do Paraná (UP), a 1950, quando esta é federalizada. Em 1938, é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), que, em 1946, se incorpora a UP. Quando a UP se torna Universidade Federal do Paraná (UFPR), nasce o Departamento de filosofia (DEFI), como um fragmento da FFCL. Este período é reconstituído por Roberta Rizzo, graduanda em filosofia na UFPR e bolsista do PET/filosofia, valendo-se da literatura existente sobre a história da UFPR e da consulta aos Anuários da FFCL.

O segundo momento vai de 1963, quando é criada a figura administrativa do DEFI, em decorrência das transformações ocorridas na Universidade do Paraná em virtude de sua federalização, até a vitória de um projeto pluralista de ensino e pesquisa em filosofia no início da década de 90. Este período corresponde à ascensão e queda do regime cívico-militar instaurado em 1964.

O terceiro período vai do início da década de 90 até os dias de hoje (2025). Foi quando docentes e pesquisadores vindos do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do

Sul somaram-se aos paranaenses na construção do programa de pós-graduação em filosofia da UFPR. A reconstrução desses dois momentos é assinada por Maria Isabel Limongi, valendo-se de entrevistas e conversas com os participantes dessa história³ e, no que diz respeito ao terceiro período, de suas memórias. O texto vai adquirindo, assim, progressivamente, o tom de um relato pessoal.

I

A experiência da formação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi analisada detalhadamente em diversos trabalhos, dentro os quais os de Ruy Wachowicz (1983), Cecília Westphalen (1987) e Nívio Campos (2008). Segundo esses autores, a história desta instituição pode ser dividida em quatro momentos: o projeto e a institucionalização da Universidade do Paraná (UP) em 1912, a organização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) em 1938, a unificação da UP e da FFCL, em 1946, e sua federalização em 1950⁴.

Para o grupo associado à fundação da UP, a formação técnico-profissional era a principal função da Universidade. Eles criaram as faculdades de medicina, engenharia e direito, no entanto, não existiu pretensão de estabelecer as faculdades de letras, filosofia e ou de formação de professores. Assim, o projeto desse grupo paranaense estava em consonância com o modelo universitário hegemônico no país, voltado à formação de profissionais liberais e quadros capazes de operar a burocracia do Estado. Não se buscava desenvolver uma ciência desinteressada, como preconizado no projeto humboldtiano. A universidade deveria contemplar apenas os saberes que exerciam função social imediata (Campos, 2008, p.112). Era a missão da ciência garantir o progresso do Estado, consequentemente, o conhecimento científico deveria se preocupar com os problemas práticos do progresso material e moral da humanidade. Nesse sentido, a ciência representava o novo *ethos* societário idealizado pelo grupo.

³ Em especial Cesar Augusto Ramos, Emmanuel Appel, Anita Schlesener e Jairo Marçal.

⁴ Não se pode deixar de mencionar o projeto elaborado em 1892 por Rocha Pombo - jornalista, professor, político, escritor e advogado que se inseriu nos círculos intelectuais curitibanos no fim do século XIX - para criação duma universidade na capital do Estado. O plano não chegou a ser colocado em prática, mas nele constava a criação dos cursos de direito, comércio e agronomia, assim como uma faculdade para a formação de professores e o curso de letras.

O grupo responsável pela criação da UP foi coordenado por Nilo Cairo e Victor Ferreira do Amaral (*idem*, p.76). Segundo Wachowicz (1983), a UP representou uma experiência pioneira no país, baseada nos princípios da liberdade de ensino, que serviu como suporte ideológico para a fundação das Universidades de São Paulo (1911), do Paraná (1912) e de Manaus (1913). Estas Universidades foram criadas no contexto da reforma Rivadávia Corrêa, que estimulou a iniciativa privada no âmbito do ensino no país (Vieira; Campos, 2008, p.20). O modelo não prosperou, visto que a reforma Carlos Maximiliano, de 1915, conferiu ao governo federal a responsabilidade pela organização do ensino superior no país.⁵

Segundo Barros (1986, p. 298), a liberdade de ensino era uma aspiração geral, comum aos projetos universitários da época. De origem alemã, era entendida como a liberdade do professor para ensinar e a do aluno para organizar seu plano de estudos e escolher o mestre de sua preferência. Os defensores do ensino livre combinaram empreendimento privado e financiamento público, bem como adotaram a autonomia e a responsabilidade comunitária na organização da Universidade. O grupo paranaense não defendia o ensino superior livre sem a fiscalização do Estado (Campos, 2008, p. 91-94), mas acreditava que a liberdade científica era condição para que a Universidade cumprisse seu papel no processo de construção de uma nação moderna. Nesse sentido, o monopólio do Estado sobre o ensino superior simbolizava obstáculos ao progresso.

Paralelamente, no final do século XIX, a Igreja católica adotou como modelo para o ensino superior a sistematização proposta pelo Cardeal Mercier⁶, que buscava aproximar o modelo humboldtiano às proposições do bispo católico John Henry Newman⁷ (*idem*, p. 20-21). Isso se concretizou quando um curso de filosofia tomista foi incluído no currículo da Universidade de Louvain, ministrado pelo próprio Cardeal Mercier, em 1880. Foi estabelecido que as escolas, institutos e universidades católicas deveriam se pautar na doutrina de São Tomás de Aquino (*idem*, p.20).

⁵ Enquanto a Universidade de São Paulo e a Universidade de Manaus foram desmembradas completamente, a Universidade do Paraná continuou funcionando no mesmo prédio e manteve seu sistema organizativo, apenas deixando de ser reconhecida pelo Estado. Wachowicz e Westphalen argumentam que não há uma ruptura definitiva entre a UP de 1912 e a sua reunificação em 1946, uma vez que a estrutura da UP não foi modificada após a reforma Maximiliano Corrêa. Assim, consideram que a UFPR pode ser entendida como a primeira experiência universitária duradoura no país.

⁶ Arcebispo de Bruxelas-Mechelen de 1906 até a sua morte.

⁷ Suas reflexões apresentadas em palestras sobre a organização das universidades católicas foram reunidas no livro “The Idea of a University”, publicado em 1852.

A organização do grupo católico para divulgar mais incisivamente sua doutrina entre os paranaenses iniciou-se em 1892, com a criação da diocese de Curitiba (*idem*, p.133). A criação da instituição foi uma estratégia da Igreja católica para combater os movimentos considerados anticlericais que se multiplicaram no final do século XIX. Os católicos queriam organizar grupos de intelectuais capazes de sistematizar e defender a metafísica católica, o que os levou a projetos educacionais e a criar instituições, como revistas, editoras, universidades e escolas, a fim de disseminar e incentivar o desenvolvimento de sua doutrina.

A reação da Igreja católica à laicização do Estado assumiu um papel decisivo em 1920 (*idem*, p. 136). No Paraná, um grupo de intelectuais católicos começou a se organizar em 1926, com a criação da União dos Moços Católicos de Curitiba e um número de veículos da imprensa Católica⁸. Em 1929, foi criado, pelos principais representantes do laicato católico em Curitiba, o Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB), que constituiu o principal centro de formação da juventude paranaense na década de 1930. As principais referências neotomistas dos integrantes do CEB eram Mercier e Jacques Maritain⁹ (*idem*, p.145). Sua missão era promover os estudos filosóficos, científicos, literários e religiosos desenvolvidos pelos membros da instituição religiosa. Os tópicos de discussão eram vastos: história, geografia, ciências sociais, medicina, matemática, química, física, literatura, e, é claro, filosofia, teologia e religião (*idem*, p. 142). Os católicos compreendiam que havia uma hierarquia entre estes conhecimentos. O conhecimento científico era importante, mas ele deveria pressupor as concepções antropológicas, filosóficas e metafísicas do ser humano.

Entre 1935 e 1936 foi realizado o primeiro curso de filosofia para os integrantes do CEB, coordenado pelo Padre Jesus Ballarin. Em seu curso, ele defendeu a doutrina neotomista, enfatizando a importância da elaboração de uma teoria que preconizava a união de todos os saberes em uma única teoria global. O intuito era o de proporcionar uma compreensão ampla da filosofia tomista em oposição à filosofia moderna (ao positivismo, empirismo, racionalismo, agnosticismo, marxismo, historicismo), ou seja, às grandes teorias estruturalistas que buscavam explicar a organização da sociedade por princípios seculares. Para Ballarin, a filosofia moderna “separa a filosofia da teologia”

⁸ A cruzada, O cruzeiro, O luzeiro, O alvor e a Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes.

⁹ Nascido em 1882 em Paris, Maritain se popularizou pela sua teoria da Democracia Cristã e divulgação do pensamento de Tomás de Aquino.

(Revista do Círculo..., set. 1939, p.32), a filosofia da ciência e a verdade da realidade. Com isso, Ballarin quer dizer que a filosofia moderna criou uma falsa verdade, ao rejeitar a explicação teísta da existência.

Ballarin acreditava que a filosofia católica representava a verdadeira busca pelo conhecimento desinteressado. A verdade, sistematizada pela escolástica, expressava a compreensão da sociedade pela racionalidade estabelecida por Deus. A ciência dava explicações sobre este mundo e por isso era importante, mas a filosofia estabelecia a harmonia entre as afirmações da ciência e a concepção teísta do mundo. Os católicos não se manifestaram contra a ciência, mas contra o cientismo. Ballarin foi enfático ao dizer: “amai a ciência, mas evitai ainda o ‘fetichismo’ da ciência que professou o cientismo” (Anuário da faculdade..., 1940/1941, p. 51).

Como mencionado, não houve debates significativos entre os intelectuais vinculados à criação da UP sobre a criação de uma faculdade de filosofia. O que os motivou a mudar de ideia (Campos, p. 151) foi a exigência, naquele contexto, de uma faculdade de filosofia, ciências e letras, para restaurar a UP, que havia sido desmembrada em 1918.

O processo de constituição da FFCL, em 1938, foi resultado da articulação entre professores da UP e intelectuais católicos paranaenses. A iniciativa foi coordenada por Omar Gonçalves da Mota, Carlos de Paula Soares e Homero de Melo Braga (Westphalen, 1987, p.7). Mota era docente de ciências jurídicas na UP, enquanto os outros dois eram da área da medicina. Nenhum deles era membro do laicato católico, contudo, segundo Campos (2008, p.149), a criação da FFCL no Paraná deve ser considerada produto da ação da intelectualidade católica, devido ao papel que destinava às humanidades em seu projeto de formação da intelectualidade curitibana. A União Brasileira de Educação e Ensino, dos Irmãos Maristas, assumiu a manutenção da Faculdade, cedendo um prédio para sua instalação. (Westphallen, p. 22).

O envolvimento dos dois grupos na fundação da FFCL tinha como premissa estabelecer a convivência entre a tradição, representada pelos católicos, e a inovação, representada pelos intelectuais da UP. Sua união representou a tentativa de garantir a efetividade dos projetos políticos defendidos por ambos. Os católicos continuavam influenciando a formação da intelectualidade curitibana, enquanto os intelectuais da UP

continuavam formando médicos, engenheiros, advogados e quadros técnicos para operar a burocracia do Estado.

Assim, os membros do CEB foram convidados a organizar os programas da nova instituição, uma vez que se entendia que eles já debatiam o lugar destas disciplinas na formação da intelectualidade desde 1929. Na reunião de criação da FFCL¹⁰ estavam presentes, além dos professores da UP, membros do grupo católico como Loureiro Fernandes, Homero de Barros e o Pe. Jesus Ballarin. Além de Ballarin, o médico e escritor Milton Carneiro cuidava das disciplinas de filosofia na recém-criada FFCL (Westphalen, p. 77).

A instituição, fruto da união dos dois grupos, representou a manutenção da tradição e da influência católica entre os jovens e a aceitação da inovação material advinda do desenvolvimento científico. A faculdade de filosofia deveria exercer a função organizadora da Universidade, pois ela representava a visão da totalidade do conhecimento humano (Anuário da faculdade, 1940/1941, p.5). Os cursos disponibilizados pela FFCL vieram a ser o complemento dos demais cursos superiores oferecidos pela UP.

II

Com a federalização da Universidade do Paraná em 1950, o contrato com a União Brasileira de Educação e Ensino do grupo marista foi rescindido. Decidiu-se então pela construção de um conjunto de edifícios para sediar a Faculdade de filosofia, ciências e letras, a Faculdade de ciências econômicas e administrativas, a Reitoria e um teatro. O belo complexo modernista, conhecido na cidade como *Reitoria*, ficou pronto em 1958 e até hoje abriga o departamento e o curso de filosofia.

Iniciou-se um longo processo de reorganização interna, que se estendeu ao longo da década de 50, em adequação às normativas estabelecidas pelo governo federal para o ensino superior. Em 1952, já se falava em contratação dos professores em período integral, para o desenvolvimento sistemático de pesquisas. O regime foi aprovado em 58. Concursos públicos passaram a ser exigidos para preenchimento das cátedras, guardando-se os direitos dos fundadores e, não sem alguma tensão, recorrendo a

¹⁰ A FFCL, embora coordenada pelos católicos, não foi denominada uma faculdade católica. Somente a Faculdade de Filosofia de Curitiba, criada em 1950, recebeu essa denominação.

concessões de notório saber. Em 1963, com a nova lei de diretrizes e bases, prevista pela constituição de 46 e sancionada em 62, é criado o Departamento de filosofia da UFPR (DEFI), mesmo ano em que, sob pressão estudantil, a congregação passou a incluir a representação de estudantes. Em 1969, os departamentos foram reunidos em faculdades e a FFCL foi extinta. O Departamento de filosofia nasceu, desse modo, como um fragmento da Faculdade de filosofia, ciências e letras (Westphalen, p. 35-49).

Ao longo da década de 60, o corpo docente do DEFI era composto em sua maioria por padres, sendo o mais notável o padre Raimundo Vier, um culto medievalista franciscano, especialista das obras de Duns Scot (cujos textos traduziu, em conjunto com Carlos Arthur Nascimento, para a Coleção *Os Pensadores*), Guilherme de Ockham, São Boaventura e Roger Bacon. Seus escritos foram compilados *Estudos de filosofia medieval: A obra de Raimundo Vier* (Garcia, 2000). Vier também traduziu Mestre Eckhart, juntamente com Leonardo Boff e Fidelis Vering (Eckhart, 1983), a *História da Filosofia Cristã*, de Gilson e Boehner (Gilson, Boehner, 1999), e os prefácios da *Crítica da Razão da Pura*, publicados numa edição de textos seletos de Kant (Kant, 1974).

Além dele, compunha o quadro docente o padre Edmundo Henrique Dreher, um jesuíta desembarcado em Curitiba em 1951, com a missão de criar uma instituição de ensino da Companhia de Jesus - o Colégio Medianeira, que viria a ser fundado em 1958. É autor de *O catecismo do eleitor católico* (1960), que se propunha a suprir a lacuna dos catecismos quanto aos deveres cívicos dos católicos, como o de voto, e de *O que é filosofia?* (1977). Outros docentes padres do período são Giovani Bozic e Artidório Aniceto de Lima.

Dois docentes laicos se destacam no conjunto. O primeiro é Ubiratan Borges Macedo, graduado em filosofia pela PUC-PR e em Direito pela UFPR. Era ligado à Sociedade Convívio, criada em 1962 pelo padre Adolfo Domingos Crippa com o objetivo de combater o comunismo e defender o livre mercado, de forma articulada com o ideário católico. Uma das principais figuras da Convívio é Antonio Paim, autor de *História das ideias filosóficas no Brasil* (Paim, 1967), com quem Borges de Macedo fez seu mestrado na PUC-RJ. Outro membro notório é Ricardo Vélez Rodríguez, primeiro

ministro da educação do governo Bolsonaro (2018).¹¹ A Convívio atuou em colaboração com o Instituto brasileiro de filosofia (IBF), fundado em 1949, em São Paulo, sob a liderança do jurista Miguel Reale, com um braço no Paraná, criado em 1953, e com o Instituto de pesquisas e estudos sociais (IPES), fundado em 1961 pelo empresário Paulo Ayres Filho, um dos principais articuladores do golpe cívico-militar de 1964 (cf. Rocha, pp 32-37).

Borges Macedo foi diretor do Ensino Superior do Estado do Paraná. Publicou vários livros sobre a história do liberalismo, dentre os quais *Liberdade no Império* (1977), *Metamorfoses da Liberdade* (1978), *Liberalismo e Justiça Social* (1995). Nesses livros, mobiliza as ideias de F. Hayek contra a noção de justiça social de J. Rawls, escreve contra o caráter considerado excessivamente diretivo da constituição de 88 e critica a tese de que o Estado é a fonte e o fundamento do direito. Seus livros são hoje referência para o Núcleo de Formação Liberal, sustentado pelos Institutos Liberal, Liberkracia e Liberal do Nordeste, e pelo Grupo de Estudos Dragão do Mar.¹²

Outro professor laico, mas que já no início dos 70 transferiu-se para a Faculdade de educação da UNESP, é Ubaldo Puppi, doutor pela Sorbonne sob a orientação de J. Maritain, autor de *Itinerário para a verdade, um estudo sobre Thomas de Aquino* (Puppi, 1955). É considerado por Borges de Macedo o primeiro discípulo de Maritain no Brasil, já que Alceu Amoroso Lima, o mais conhecido “maritainiano”, teria sido, segundo ele, apenas um “divulgador (...), mas não num plano filosófico” (Macedo, 1978, p. 213). Puppi foi do Conselho Estadual de Educação e diretor da Biblioteca Pública do Paraná. Juntamente com Borges Macedo deu continuidade à orientação filosófica do laicato católico presente na fundação da FFCL, buscando assegurar o espaço da espiritualidade católica e, no caso de Borges de Macedo, do livre arbítrio e do valor da liberdade frente a ameaça positivista e evolucionista.¹³

No início dos anos 70, contudo, nem completada uma década da criação da nova figura administrativa - o DEFI -, os ventos começaram a soprar em outra direção. O Departamento passou a incluir em seus quadros um número significativo de jovens docentes por ele licenciados. É o momento em que as mulheres entram em peso nessa

¹¹ Entre tantos outros livros de Paim está um em coautoria com Borges de Macedo e Vélez Rodrigues (Paim, Macedo, Rodriguez, Souza, 1977).

¹² Cf. [Ubiratan Borges de Macedo é tema de décimo primeiro mês do NFL – Instituto Liberal](#).

¹³ Enquanto isso, Newton da Costa tornava-se professor na área de Análise Matemática, tendo atuado na UFPR de 1964 a 1975, sempre ligado ao Departamento de Matemática, não ao de Filosofia.

história. É também quando começa a se formar um grupo de docentes com identidade de esquerda, em reação à ditadura cívico-militar instaurada em 64.¹⁴

Com o impulso da crise do regime militar e da crescente pressão social pela redemocratização, o grupo se organizou ao longo da década de 80 na Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas, regional Paraná (SEAF-Pr), fundada em 1979, na sequência da SEAF-RJ, fundada em 76. O perfil do grupo revela-se nos *Textos SEAF* - 6 volumes, quase artesanais, publicados entre 1980 e 1989, reunindo sua produção sobre ensino de filosofia, ao lado de estudos sobre Marx, Gramsci, Ricoeur, Marcuse, Reich e Foucault, entre outros.¹⁵ Assinam os artigos os então docentes do DEFI Suzana Munhoz da Rocha¹⁶, Maria José Justino¹⁷, Inês Lacerda Araújo¹⁸, Anita Helena Schlesener¹⁹, Maria Cristina Sparano²⁰, Beatriz Cunali²¹, Maria Josefina Polli Kawamura²², Cesar Augusto Ramos²³, Emmanuel José Appel²⁴, Roberto Figurelli²⁵, todos licenciados em filosofia pela UFPR, com exceção de Cesar Augusto Ramos, licenciado em Filosofia pela PUC e em direito pela UFPR, Maria José Justino, licenciada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e Roberto Figurelli, formado na UFRGS.

Ao longo dos anos 80 e 90, os membros da SEAF-PR valeram-se de bolsas da CAPES para fazer mestrado na USP, UNICAMP, PUC-SP, UFRJ e Sorbonne. Segundo Cesar Augusto Ramos, os objetivos do grupo eram qualificação, garantia de emprego e a busca de uma identidade de esquerda. Suas principais referências eram José Arthur

¹⁴ Sobre os enfrentamentos nos anos de 1967 e 1968 entre os estudantes da UFPR e o então reitor Carlos Suplicy de Lacerda, que ocupou o cargo de ministro da educação depois do golpe, entre 1964 e 1967, ver Portella, Szesz, Leite, 2012.

¹⁵ Segundo a apresentação do volume 1 dos textos SEAF, a SEAF-PR surge “da urgência em conquistar para a filosofia um ambiente onde possa mover-se sem amarras, livres dos burocratas que asfixiam seu lugar acadêmico, das interferências nocivas, das vigilâncias.” (Textos Seaf, vol.1, janeiro/abril, 1980, p.5)

¹⁶ Sem publicações acadêmicas registradas no lattes.

¹⁷ Autora de *50 anos do Salão Paranaense* (Justino, 1995), *Seja marginal seja herói. Modernidade e pós-modernidade em Hélio Oiticica* (Justino, 1998), entre outros livros e artigos sobre estética, história e crítica de arte.

¹⁸ Autora de *Foucault e a crítica do sujeito* (Araújo, 2000), *Introdução à Filosofia da Ciência* (Araújo, 2010), entre outros livros e artigos sobre filosofia da linguagem e teoria da ação comunicativa.

¹⁹ Autora de *Hegemonia e Cultura: Gramsci* (Schlesener, 1992), *Os tempos da História: leituras de Walter Benjamin* (Schlesener, 2011), entre outros livros e artigos sobre Gramsci e Benjamin.

²⁰ Autora de *Linguagem e significado: o projeto filosófico de Donald Davidson* (Sparano, 2003), entre outros artigos e livros sobre filosofia da linguagem e da psicanálise.

²¹ Sem publicações acadêmicas registradas no lattes.

²² Sem publicações acadêmicas registradas no lattes.

²³ Autor de *Liberdade subjetiva e Estado na filosofia política de Hegel* (Ramos, 2000), *As faces da liberdade e a teoria do reconhecimento* (Ramos, 2016), além de artigos sobre Hegel, teoria do reconhecimento, liberalismo e comunitarismo.

²⁴ Autor de artigos sobre ensino de filosofia.

²⁵ Autor de *Estética e crítica* (Figurelli, 2007)

Giannotti e Marilena Chauí, como se depreende dos *Textos SEAF*, onde se encontram um texto assinado por Chauí sobre Sartre (também citada na epígrafe de um texto de M.J. Justino) e uma longa entrevista de Giannotti conduzida por Emmanuel Appel.²⁶ Junto a estes professores o grupo da SEAF-PR encontrava uma prosa bem articulada em oposição ao grupo católico e liberal que até então liderava o ensino e a pesquisa em filosofia no Paraná.

Assim, em meio às lutas políticas contra a ditadura e pela redemocratização do Brasil, o projeto de departamento e de país da SEAF-Pr entrou em conflito com o dos herdeiros da FFCL. Entre esses herdeiros estavam Edmundo Henrique Dreher e Ubiratan Borges de Macedo, que permaneceram no quadro docente do DEFI durante as décadas de 70 e 80. A eles se agregaram os padres Diniz Mikosz, Antonio Lipski e João Wanat, e os laicos Joaquim Batista Martins²⁷ (doutor pela Universidade de Tübingen), Alvino Moser²⁸ (formado na Universidade de Louvain), Cassiano Cordi²⁹ e Potiguara Acácio Pereira³⁰, graduados pela PUC-PR. Os três últimos marcaram presença no departamento até meados dos anos 90.

Segundo Emmanuel Appel, Ubiratan Borges de Macedo contava inicialmente com a simpatia dos estudantes de esquerda - por não ser padre, dar aulas de filosofia contemporânea, conhecer bem os existencialistas e pronunciar-se sobre a conjuntura. Tanto é que Appel, leitor entusiasmado de Marx que encarnou como ninguém o espírito do intelectual engajado *a la française*³¹, deu seus primeiros passos docentes no final dos anos 60 como monitor de Borges de Macedo. Mas, conforme o regime cívico-militar instaurado em 64 foi mostrando os dentes, pesou sobre Borges Macedo a acusação de

²⁶ Nos volumes encontram-se também textos de Gerd Bornheim, Leandro Konder, Salma Murchail, Isabel Loureiro e Daniel Giovannangeli.

²⁷ Autor de *Questões Fundamentais de Filosofia* (Martins, 1983) e *Da Literatura à Filosofia* (Martins, 1984).

²⁸ Autor de *Educação e manifestação do homem* (Moser, 1972) entre outros livros e artigos sobre educação e ensino de filosofia.

²⁹ Autor de artigo sobre bioética e sobre Max Scheler.

³⁰ Autor de *O que é pesquisa em educação?* (Pereira, 2008) e de artigos sobre educação.

³¹ Veja-se o seguinte diálogo entre Appel e Giannotti na mencionada entrevista nos *Textos Seaf* v. 1:

Giannotti: “Aquela oposição entre processos econômicos e processos políticos que precisava a mediação do intelectual está inteiramente superada. O que importa, portanto, não é mais o intelectual trazer o facho do marxismo para iluminar a luta de classes, mas ficar um pouco mais à margem, muito mais atento ao processo como tal para poder formular as suas várias possibilidades, entendê-lo melhor, e trazer consciência da situação, do que tentar trazer e elevar o processo econômico a uma nova etapa da luta de classes. (...)”

Appel: Este “ficar um pouco mais à margem” não é uma recomendação pré-marxista? (...) Se o papel do intelectual é ficar um pouco mais à margem da arena da luta de classes, como poderá produzir um conhecimento revolucionário?” (Giannotti; Appel, 1980, p. 72-3)

colaborar com a ditadura delatando colegas, pelo que passou a ser odiado. Com o fim do regime militar, pediu licença da UFPR, passando a atuar na Universidade Gama Filho. Curiosamente, em seu currículo lattes não há qualquer menção a sua passagem pela UFPR, indício de ressentimento com o fato de não ter mais encontrado lugar na instituição. Cassiano Cordi, que foi orientando de Geraldo Pinheiro Machado no mestrado e de Antônio Paim no doutorado, foi seu herdeiro, tendo sido um dos últimos do grupo a se aposentar, já em meados dos anos 90. Os atritos entre ele e o grupo de esquerda eram frequentes.

Entre um grupo e outro havia, por certo, aqueles que não se identificavam inteiramente com nenhum dos lados³² – os “isentões”, na expressão de um estudante dos anos 80, atestando que o clima geral era o de polarização entre os favoráveis e os contrários à ditadura militar. No grupo dos desgarrados, com perfil de esquerda, está Roberto Gomes, romancista, contista, colaborador do jornal Gazeta do Povo, que por ter exercido por muitos anos a função de diretor da editora da UFPR, permaneceu afastado da sala de aula. É conhecido por ser o autor de *Crítica da Razão Tupiniquim*, livro que teve muitas edições (pela Editora Movimento, Cortez e FTD, sendo a primeira de 1977), onde revisita o tema da filosofia no Brasil e o ideário de uma filosofia com pretensão de dizer o Brasil, formular e expressar a identidade nacional. Mas, agora, pelo avesso, de forma crítica. Segundo o autor, a razão tupiniquim está por ser inventada, já que o brasileiro “foge de sua identidade” e que “um pensamento brasileiro jamais esteve lá onde tem sido procurado, [nas] teses universitárias, cursos de graduação e pós-graduação, revistas especializadas” (Gomes, 1977, p.11), com toda a sua pompa acadêmica, a buscar nos outros, de forma servil, o saber sobre si mesmo.

Um dos pontos que separa Roberto Gomes do grupo da SEAF-PR é o bordão com que ele conclui a *Crítica da Razão Tupiniquim*. Segundo ele, a filosofia, assim como o samba, como cantou Noel Rosa, não se aprende no colégio. Com isso, sugere que o aprendizado se faz por uma via intuitiva, sendo da ordem do vivido, como observa Cesar Augusto Ramos em ‘Crítica da crítica da Razão Tupiniquim’ (Ramos, 1975). O bordão é citado, numa referência tácita a Gomes, para logo ser recusado, por Maria José Justino nos *Textos SEAF* (Justino, 1980, p. 63). É expressamente mencionado por Appel como um dos poucos pontos de divergência entre ele e Gomes,

³² Registre-se os nomes de Alzira Müller e Elizabeth Borio.

uma vez que a SEAF-Pr, coordenado por ele e Suzana Munhoz da Rocha, tinha como bandeira, além da democratização do país, da UFPR e do DEFI, a volta do ensino de filosofia ao ensino médio. O estado de arte dessa luta é descrito nos textos de abertura dos *Textos SEAF* vol. 3.³³ Além disso, o grupo empenhava-se pelo fortalecimento institucional do DEFI como *locus* de ancoragem do ensino e pesquisa em filosofia no Paraná.

Assim, paralelamente à busca por qualificação do quadro docente - o que ocorria sob forte pressão estudantil, uma vez que os estudantes identificavam em boa parte do corpo docente o descompromisso com a pesquisa e o ensino -, os membros do SEAF-Pr empenharam-se nas disputas internas por cargos de chefia e direção, em vista da democratização da Universidade. Nessa luta estiveram na linha de frente os departamentos de história, letras e filosofia. Havia também um forte empenho em fazer com que a filosofia ocupasse os espaços da cidade, nos cafés, cineclubes, associações culturais e museus. Emmanuel Appel e Maria José Justino foram presidentes do sindicato dos professores. Appel desempenhou papel decisivo nas fundações do PT-Paraná e da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (depois Sindicato Nacional, Andes-SN). Suzana Munhoz da Rocha, filha do estadista e intelectual Bento Munhoz da Rocha (titular da cadeira de História da América na FFCL e governador do Estado do Paraná entre 1951 e 1955), ocupou o cargo de Secretária de Estado da Cultura e do Esporte (1986-87) e criou o Museu de Arte do Paraná, cujo acervo foi depois incorporado ao Museu Oscar Niemeyer.

Entre 1990 e 1994, Cesar Augusto Ramos assumiu a diretoria do Setor de ciências humanas e, nesse cargo, favoreceu a realização de concursos para contratação de professores com bancas exógenas, formadas por pesquisadores nacionalmente reconhecidos. Deu-se início, então, ao terceiro momento da história do DEFI, com a chegada dos forasteiros, vindos de diversas universidades do país, com o projeto de construir a pós-graduação e levar adiante o processo de democratização da Universidade e da formação em filosofia.

³³ Ver também Appel, 2013-14.

III

Os anos 90 foram marcados por uma intensa renovação do corpo docente. Anunciavam-se alterações no sistema de previdência social do funcionalismo público - o que efetivamente veio a se concretizar em 1998, com a aprovação da emenda constitucional n. 20, durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Quem podia apressava-se em se aposentar, com receio de perder direitos. Sobrava vaga no ensino superior, para a sorte dos pós-graduandos das Universidades que saíram a frente na construção da pós-graduação. Ao longo dos anos 90, foram atraídos para UFPR pós-graduandos em filosofia da UFRJ, USP e UFRGS. Poucos entre eles já eram doutores. Em sua maioria, os novos docentes eram jovens pesquisadores em formação, que ali encontravam oportunidade de emprego e financiamento de suas pesquisas em desenvolvimento. O que surgiu do encontro dos forasteiros – cariocas, paulistas e gaúchos – com os paranaenses (o grupo da SEAF-Pr) foi algo novo, o produto do confronto e acomodação de diversos modos de fazer e entender a filosofia, assim como sua função social e institucional.

Entre os chegados nos anos 90 estão (mais ou menos nessa ordem): Alexandre Gomes Pereira³⁴, Joel Alves de Souza³⁵ (falecido em 2013), vindos da UFRJ; Luiz Carlos Bombassaro³⁶ (hoje no departamento de Educação da UFRGS), vindo da UFRGS, Plínio Junqueira Smith³⁷ (hoje da UNIFESP), Maria Isabel Limongi³⁸, Vinicius de Figueiredo³⁹ (falecido em 2025), Paulo Vieira Neto⁴⁰, Bento Prado Ferraz Neto⁴¹ (hoje na UFSCAR), André Macedo Duarte⁴², Luiz Alves Eva⁴³ (hoje na

³⁴ Sem publicações acadêmicas registradas noattes.

³⁵ Sem publicações acadêmicas registradas noattes.

³⁶ Autor de *Giordano Bruno e a filosofia na Renascença* (Bombassaro, 2007), *Fronteiras da Epistemologia. Como se produz o conhecimento* (Bombassaro, 1992), entre outros livros e artigos.

³⁷ Autor de *O Ceticismo de Hume* (Smith, 1995), *Do começo da filosofia e outros ensaios* (Smith, 2005), entre outros livros e artigos sobre ceticismo e filosofia da renascença.

³⁸ Autora de *O homem excêntrico – paixões e virtudes em Thomas Hobbes* (Limongi, 2009) e *Hume, a justiça e o pensamento político moderno* (Limongi, 2023), e artigos sobre ética e filosofia política moderna.

³⁹ Autor de *Crítica da aparência nas Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (Figueiredo, 2018) e *A paixão da igualdade - uma genealogia do indivíduo moral na França*. (Figueiredo, 2021), além artigos sobre estética e filosofia kantiana.

⁴⁰ Autor de artigos sobre Espinosa e Simondon.

⁴¹ Autor de *Fenomenologia em Wittgenstein - tempo, cor e figuração* (Ferraz Neto, 2003) e de artigos sobre Wittgenstein e filosofia da lógica.

UFABC), Luiz Damon Santos Moutinho⁴⁴ (hoje na UFSCAR), vindos da USP, Breno Hax Jr⁴⁵, vindo da UFRGS e Pedro Costa Rego⁴⁶ (hoje na UFRJ), vindo da UFRJ.

Duas palavras de ordem orientavam o trabalho do grupo que então se formou. Em primeiro lugar, a filosofia é crítica. Isto é, cabe a ela iluminar as contradições do pensamento e da sociedade, não as ocultar⁴⁷; ou ainda, cabe a ela “perguntar, não para encontrar imediatamente respostas, [mas para] que respostas sejam dadas e voltar a fazer perguntas sobre as respostas que foram dadas”.⁴⁸ Em segundo lugar, os textos clássicos e não manuais devem ser apresentados e discutidos em sala de aula.

O projeto fincava raiz na USP, não apenas porque a maioria dos recém-chegados vinha de lá (orientandos de Giannotti, Bento Prado Jr, Marilena Chauí, Oswaldo Porchat, Luiz Henrique Lopes dos Santos, Carlos Alberto Moura e Ricardo Terra), mas porque o grupo dos paulistas contava com o apoio e simpatia dos paranaenses da SEAF-Pr, muitos dos quais pós-graduados na USP e na PUC-Sp. Havia certa tensão entre paulistas e cariocas. Estes últimos formavam um grupo coeso, todos orientandos de Gilvan Luiz Fogel na UFRJ, com os trabalhos referenciados nas obras de Nietzsche e Heidegger. Eles temiam uma possível deriva tecnocrática do projeto crítico centrado na leitura e interpretação de texto – uma discussão que só enriqueceu e fortaleceu o projeto hegemônico.⁴⁹

⁴² Autor de *O pensamento à sombra da ruptura*. (Duarte, 2000) e *Vidas em Risco - Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. (Duarte, 2010), entre outros livros e artigos sobre democracia e biopolítica.

⁴³ Autor de *Montaigne contra a vaidade* (Eva, 2004), *A Figura do Filósofo - Ceticismo e Subjetividade em Montaigne* (Eva, 2007) e de artigos sobre ceticismo na modernidade.

⁴⁴ Autor de *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. (Moutinho, 1995), *Razão e experiência. Ensaio sobre Merleau-Ponty* (Moutinho, 2006) e de artigos sobre filosofia francesa contemporânea.

⁴⁵ Autor de *Pensamento e objeto: a Conexão da Linguagem à Realidade*. (Hax, 2015) e artigos sobre filosofia da linguagem.

⁴⁶ Autor de *A Improvável Unanimidade do Belo - sobre a Estética de Kant*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002 e diversos artigos sobre a filosofia kantiana.

⁴⁷ Ver entrevista de J. A. Gianotti a E. J. Appel, Textos Seaf n.2, p. 77-8.

⁴⁸ Chauí, “Crítica e Ideologia”, Cadernos SEAF, n.1, 1978, p. 21, citado como epígrafe do texto de Justino, 1980, p. 58.

⁴⁹ O temor dos cariocas se expressa no texto de apresentação dos Cadernos Pet n.3 (sobre essa publicação ver adiante), assinado por Joel Alves de Souza e seu orientando Wagner Felix (hoje professor na UEM), mas também pelo uspiano Paulo Vieira Neto, atestando que, quanto a isso, havia conversa: “É possível [...] delimitar a mediocridade, o suficiente, o adequado, pois apenas isso pode ser exigido e quantificado. A estrutura de um curso universitário assim o exige, não a filosofia, pois esta existe desde muito antes das universidades, e não se pode dizer que lhe faltasse rigor. A filosofia, contudo, somente sobrevive na academia, em nossos dias. Mas pode-se dizer que está morta a ponto de se transformar em uma profissão e uma carreira e o que seja ensinado aos estudantes seja como seguir esse caminho, independente do que irão estudar, ou de como pensem?” (Souza, J., Felix, W., Vieira Neto, P. 2000, p. 7-8).

O processo de renovação docente nos anos 90 acompanhou o crescimento generalizado da área. O mesmo ocorria em vários lugares do Brasil, como resultado das políticas de financiamento e fortalecimento da pós-graduação na rede universitária já existente (uma política fortalecida no governo FHC, antecedente à política dos governos PT de ampliação da rede, com o REUNI)⁵⁰. Do ponto de vista da história interna do Departamento de filosofia da UFPR, contudo, o processo iniciado nos anos 90 foi o saldo da luta das décadas anteriores por uma Universidade ao mesmo tempo qualificada e democrática. O Departamento de filosofia, a partir dali, já não seria aquele ideado e controlado pela elite local, para vitória daqueles que queriam ver passar por ali muitas correntes de pensamento e formas de se fazer filosofia.

O projeto desenhou-se então claro e oportuno: criar a pós-graduação, integrando ensino e pesquisa. Para isso, o primeiro passo era o da qualificação docente. Era preciso terminar os doutorados em andamento, atrair jovens doutores, estabilizar o corpo docente. Montou-se um esquema de afastamentos curtos e cumprimento de prazos. Os novos ingressos se faziam por concursos genéricos, sem especificação de área e os pontos da prova eram bastante amplos, de modo a facilitar que o candidato oferecesse o melhor de si, relacionando ensino e pesquisa. O currículo e áreas de concentração do curso de graduação, integrado ao programa de pós-graduação que estava por nascer, seriam definidos ao longo do processo, de acordo com a cara que o corpo docente viesse a ter. A ideia era: não importa *o que* se estudava, mas *como*.

Esta é uma formulação que exprime bem os novos rumos do ensino e da pesquisa em filosofia que se consolidou na UFPR a partir dos anos 90.⁵¹ O que se quis e o que vem se realizando deste então é a substituição do projeto original, edificante e diretivo da filosofia, entendida como o esteio e a consciência moral da nação, responsável por ditar-lhe os rumos, por um projeto em que a filosofia serve à construção de um espaço discursivo democrático, amplo e plural⁵², em que problemas conceituais são formulados, diferenças teóricas pesadas, contradições explicitadas, dogmas criticados, pontos de vista justificados, tendências internacionais digeridas e recriadas

⁵⁰ A história do departamento e programa de pós-graduação em filosofia na UFPR nada deve ao REUNI.

⁵¹ Não sem alguma tensão e controvérsia. Cf. nota 21.

⁵² Sobre esse conceito ver Repa, 2025 acerca do legado de Vinicius Belendis de Figueiredo, por ocasião de seu falecimento em janeiro de 2025. Ver também Figueiredo, 2023.

no cadinho local, sem qualquer e - pode-se mesmo dizer - em oposição a toda postura edificante.

Em 1994, por iniciativa de Anita Helena Schlesener (da SEAF-Pr), foi criado o PET-filosofia (Programa de Educação Tutorial)⁵³, visando a qualificação do corpo discente e a iniciação em pesquisa no âmbito da graduação, já de olho na criação do mestrado. Muitos dos estudantes do PET dos anos 90 tornaram-se professores e pesquisadores na UFMG, UFJF, UEM, UNIOESTE, UNICENTRO, e na própria UFPR, como é o caso de Marco Antônio Valentim.⁵⁴ Foi também o caso das turmas posteriores, que passaram a se beneficiar de um programa de pós-graduação em filosofia na UFPR.

O Pet-filosofia tem desempenhado desde então um papel decisivo para a formação discente em nível de graduação e pós-graduação. Já em 1999, saiu o primeiro volume dos *Cadernos Pet - filosofia*, uma revista dos estudantes, feita pelos estudantes, onde os professores também publicam e onde se discutem problemas do curso. São 24 volumes, publicados anualmente desde a fundação dos *Cadernos*. O PET também organiza eventos, seminários temáticos, a semana acadêmica e oferece aulas abertas sobre os textos que caem na prova de filosofia do vestibular da UFPR⁵⁵. Desde sua criação, os professores do Departamento se revezam na tutoria, sempre em dupla, de maneira a tornar mais dinâmicas e diversificadas as atividades de formação. A turma PET de 2023-24 debruçou-se sobre o tema da filosofia no Brasil, numa discussão da qual este texto (não por acaso co-assinado por uma integrante do PET) se nutriu.

Em 2000, abriu-se enfim o programa de mestrado, gestado ao longo dos anos 90. Paralelamente, criou-se em 2001 o curso de graduação no período noturno, o que permitiu que os professores-pesquisadores da pós-graduação cumprissem sua carga horária de ensino na graduação, duplicando no período noturno os cursos fortemente

⁵³ Trata-se de um programa criado em 1979 pela Capes que fomenta grupos de estudantes de graduação sob a orientação de um tutor, para a realização de atividades extracurriculares complementares à formação acadêmica.

⁵⁴ Valentim, professor no DEFI-PR desde 2006, é o único do corpo docente atual graduado na UFPR, tendo sido bolsista do PET no final dos anos 90. Sob a influência dos professores cariocas, fez pós-graduação na UFRJ e doutorado com Foegel. Em seu livro *Extramundandade e sobrenatureza: ensaios de ontologia infundamental*. (Valentim, 2018) renega a influência de Heidegger em virtude de seu antropocentrismo e busca outra ontologia (desta vez, infundamental) referenciada no perspectivismo ameríndio.

⁵⁵ O vestibular da UFPR tem 5 questões de múltipla escolha de filosofia na primeira fase e prova dissertativa específica de filosofia na segunda fase para os cursos de filosofia, psicologia e direito. A prova se compõe de questões sobre textos previamente divulgados.

elaborados, colados em suas pesquisas, que preparavam para o período diurno. Permitiu também que o curso ampliasse suas ofertas a estudantes e profissionais de outras áreas, em acréscimo aos pesquisadores em filosofia que pretendia formar, criando um clima mais inclusivo e plural. Desde então, o DEFI oferece 90 vagas anuais divididas entre os dois períodos.

Esse duplo movimento – a criação do mestrado e ampliação das vagas com o curso de graduação noturno – justificou a saída dos diversos cursos aos quais o DEFI prestava serviço, com aulas de metodologia científica e introdução à filosofia. A ideia era cuidar dos interessados em filosofia em casa (ou seja, no curso de filosofia, que começava a se identificar ao DEFI), com métodos e propósitos próprios. O movimento tornou-se por fim necessário, já que a reitoria nunca ofereceu as vagas prometidas para sustentar o aumento significativo de trabalho relacionado ao curso.

Coroou o projeto a fundação da Revista *Doispontos*, em 2004, em parceria com o Departamento de filosofia da UFSCAR. A revista deveria ser a cara do centro de ensino e pesquisa em filosofia que o DEFI se tornara. A parceria com a UFSCAR indicava a disposição para o diálogo e cooperação: não um, mais dois pontos, uma revista de dois departamentos que, por meio dela, se aliavam e se punham em diálogo no projeto de discussão, construção e fortalecimento da área de filosofia, não apenas no Paraná e no interior de São Paulo, mas no Brasil. A *Doispontos* foi idealizada e posta em vida por Vinicius Berlendis de Figueiredo, também o primeiro editor dos *Cadernos-Pet*. Ele abraçou integralmente o projeto de construção de uma rede universitária de ensino e pesquisa em filosofia, tendo sido presidente da ANPOF (2011-2012) e coordenador de área de filosofia na Capes (2014-2018).

O corpo docente então formado seguia renovando-se em larga velocidade, mas agora absorvendo doutores já formados, que chegavam para ocupar as vagas dos paranaenses que se aposentavam⁵⁶ e daqueles que, vindos de fora, acabaram por voltar a seus lugares de origem. Na primeira década dos anos 2000 chegaram e ficaram (mais ou menos nessa ordem): Eduardo Salles de Oliveira Barra⁵⁷ (USP), Vivianne de Castilho Moreira⁵⁸ (UFRGS), Rodrigo Brandão⁵⁹ (USP), Maria Adriana Camargo Cappello⁶⁰

⁵⁶ Deste grupo, entre os fundadores no mestrado estavam Cesar Augusto Ramos (hoje da PUC-Pr), Anita Schlesener (hoje na Tuiuti) e Cristina Sparano (hoje da UFPI).

⁵⁷ Autor de artigos sobre história da ciência moderna, Newton, Kant, e sobre ensino de filosofia.

⁵⁸ Autora de *Contínuo e Contingência I - estrutura e alçada da Lei de Continuidade na lógica de Leibniz*. (Moreira, 2019) e tradutora da *Metafísica* de Aristóteles (Aristóteles, 2024)

(USP), Marco Antonio Valentim⁶¹ (UFRJ), Tiago Falkenbach⁶² (UFRGS), Lucio Souza Lobo⁶³ (UFRGS), Alexandre Noronha Machado⁶⁴ (UFRGS), Leandro Neves Cardim⁶⁵ (USP). Passaram pela UFPR, mas voltaram como professores para suas universidades de origem: Inara Zanuzzi⁶⁶ (UFRGS), Raphael Zilig⁶⁷ (UFRGS), Luiz Sérgio Repa⁶⁸ (USP).

Este foi o grupo que, somado aos docentes remanescentes da década de 90, projetou e realizou a abertura do programa de doutorado, aprovado em 2011. A aprovação passou pela reformulação das linhas de pesquisa inicialmente previstas para o mestrado, em razão da renovação do corpo docente, que viera a absorver um grupo robusto de filósofos formados na UFRGS, sob orientação de Paulo Estrella Faria, Balthazar Barbosa Filho, Denis Rosenfield e Marco Antônio Zingano. O programa de mestrado tinha duas linhas de pesquisa: Ética e Filosofia Política, Subjetividade e Representação. Na abertura do doutorado a linha Subjetividade e Representação foi subdividida nas linhas História da Filosofia e Epistemologia e Metafísica. Motivou a reformulação a necessidade de acomodar percepções diferentes e por vezes conflitantes sobre o caráter histórico ou perene dos problemas filosóficos, sobre a centralidade ou não da lógica na formação do filósofo e sobre o valor dos modelos continental e analítico de filosofia. Nas décadas subsequentes, somaram-se ao grupo, tornando-o mais eclético, Antônio Edmilson Paschoal⁶⁹ (PUC-SP e Unicamp), Ronei Clécio Mocellin⁷⁰

⁵⁹ Autor de artigos sobre o iluminismo francês e britânico.

⁶⁰ Tradutora de *O Riso. Ensaio sobre o significado do cômico* (Bergson, 2018) e *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (Bergson, 2020) de H. Berson e de artigos sobre Bergson e Berkeley.

⁶¹ Autor de *Extramundandade e sobrenatureza: ensaios de ontologia infundamental*. (Valentim, 2018) e *Antropoceno e termodinâmica do pensamento: introdução à entropologia*. (Valentin, 2024), além de artigos sobre Descartes, Heidegger, Kant, Husserl, Levi-Strauss, Lucrécio, Krenak, Kopenawa.

⁶² Autor de artigos sobre a *Crítica da Razão Pura*.

⁶³ Autor de artigos sobre São Tomás de Aquino.

⁶⁴ Autor de *Lógica e Forma de Vida: Wittgenstein e a Natureza da Necessidade Lógica e da Filosofia* (Machado, 2007) e de artigos sobre Wittgenstein, filosofia da linguagem e da lógica.

⁶⁵ Autor de *Corpo* (Cardim, 2009) e de artigos sobre Merleau-Ponty e pensamento francês contemporâneo.

⁶⁶ Autora de artigos sobre a ética aristotélica.

⁶⁷ Autor de artigos sobre ética e metafísica aristotélica.

⁶⁸ Autor de *Reconstrução e emancipação - Método e política em Jürgen Habermas* (Repa, 2021) e tradutor de *Teoria da ação comunicativa*. (Habermas, 2022), além de artigos sobre teoria crítica.

⁶⁹ Autor *Nietzsche e a auto-superação da moral* (Paschoal, 2009), *Nietzsche e o Ressentimento* (Paschoal, 2014), além de traduções e de artigos sobre Nietzsche e outros autores e temas correlacionados.

⁷⁰ Autor de *Louis-Bernard Guyton de Morveau: chimiste e professeur au siècle des lumières* (Mocellin, 2018), *Ensaio de história e filosofia da química* (Mocellin; Zaterka, 2022) e de artigos sobre filosofia da química.

(UFSC e Paris X), Maurizio di Filippo di Silva⁷¹ (Universita degli Studi di Napoli Federico II), Cristina Foroni Consani⁷² (UFSC), Joel Thiago Klein⁷³ (UFSC) e Polyana Cristina Tidre⁷⁴ (Humboldt-Universität).

Paralelamente ao processo de criação e consolidação do programa de pós-graduação, o DEFI seguiu atento à questão da filosofia no ensino médio, também nisso fiel ao programa da SEAF-Pr delineado nos anos 80. Entre 1990 e 2010, nos governos de Roberto Requião⁷⁵, o Paraná assumiu uma posição de vanguarda ao promover a implantação da filosofia e da sociologia nas escolas de educação básica, mobilizando as universidades para contribuir na construção das diretrizes curriculares e produção de materiais didáticos⁷⁶. Destaque-se a publicação da *Antologia de Textos filosóficos* pela Secretaria de Educação do Estado, em 2009. Foram 60 mil exemplares distribuídos pelas escolas públicas do Paraná com traduções de textos clássicos e introduções feitas por vários membros do DEFI.⁷⁷ A antologia foi organizada por Jairo Marçal, estudante do DEFI na década de 80 e de uma das primeiras turmas do mestrado, coordenador pedagógico da Secretaria de Estado do Paraná durante o terceiro mandato de Requião. A proposta era a de levar os textos clássicos às salas de aula do ensino médio, em consonância com o que recomendava, já nos anos 80, a coordenação da SEAF-Pr: “ora, se Kant tem razão quando afirma que não se ensina a filosofia, mas sim a filosofar, nada melhor do que proporcionar aos alunos o contato direto com os textos dos grandes filósofos bem como levá-los ao estudo mais atento dos problemas pertinentes ao mundo em que vivem.” (Nota da Coordenação, *Textos Seaf*, , n.3, 1981, p. 5)⁷⁸

⁷¹ Autor de artigos sobre Santo Agostinho.

⁷² Autora de *Paradoxo da democracia constitucional: uma análise da tensão entre o direito e a política a partir da filosofia política e constitucional* (Consani, 2014), tradutora de *Escritos Político-constitucionais de Condorcet* (Condorcet, 2013) e de artigos sobre filosofia do direito e democracia deliberativa.

⁷³ Autor de *Kant e a Ideia de uma história universal* (Klein, 2016), de artigos e coletâneas sobre a filosofia prática de Kant.

⁷⁴ Autora de artigos sobre Hegel, Hönneth e Marx.

⁷⁵ Roberto Requião foi governador do Paraná entre 1991-1994 e de 2003 a 2010, em dois mandatos seguidos.

⁷⁶ Hoje, no governo Ratinho Jr, o Paraná volta a assumir posição de vanguarda, mas em direção contrária. A elaboração de material didático para o ensino médio foi entregue aos grandes conglomerados privados de ensino. As Universidades públicas ficaram de fora. A administração de várias escolas públicas foi entregue à iniciativa privada, num projeto pioneiro que se pretende modelo para outras iniciativas semelhantes.

⁷⁷ De caráter público, a obra foi e continua sendo disponibilizada na internet para consulta e download gratuitos.

⁷⁸ Na mesma direção, vai a coleção *Filósofos na sala de aula*, coordenada e editada por Vinicius de Figueiredo (cf. Figueiredo et alli, 2006, 2007, 2009). Sobre material para o ensino médio ver também Figueiredo, Repa, Cuter, Bolzani Filho, Valentim, Vieira Neto, 2023.

Nesse caldo de cultura, nasceu em 2016 o PROF-FILO, um programa de pós-graduação profissional em ensino básico de filosofia, em rede nacional, com sede na UFPR, coordenado por Eduardo Salles de Oliveira Barra. Barra dedicou-se intensamente dentro da UFPR às políticas para as licenciaturas e ensino de graduação. Foi coordenador institucional do PIBID, Pró-Reitor de Graduação e Educação Profissional, e coordenador da regional Sul do Fórum de Pró-Reitores de Graduação (FORGRAD), além de idealizador e coordenador do PROF-FILO. O mestrado profissional foi gestado durante o XV encontro da ANPOF ocorrido na UFPR, em 2012, quando Vinicius Berlendis de Figueiredo era o presidente da associação. O núcleo regional é sustentado pelos professores do DEFI, na medida do possível⁷⁹, ao lado de professores do Setor de Educação e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Na história do DEFI, ensino e pesquisa acadêmica em filosofia sempre estiveram juntas.

Em 2024, em resposta à nova normativa para o ensino superior em vigor a partir de 2023, prevendo 10% do total da carga horária curricular dos cursos de graduação em atividades de extensão, o DEFI montou, sob a coordenação de Maria Isabel Limongi, o Laboratório de Rodas de Conversa sobre a Democracia, por meio do qual estudantes de graduação e pós-graduação elaboram e realizam rodas de conversa com estudantes do ensino médio. Este é mais um passo no processo de construção de um lugar institucional para o ensino, pesquisa e, agora, extensão em filosofia na UFPR.

Como mencionado, este texto nutriu-se dos debates e estudos empreendidos pelo PET-filosofia/UFPR, entre 2023 e 2024, sobre a filosofia no Brasil. Os debates responderam à demanda estudantil sobre o que vem a ser, se é que há, uma filosofia brasileira. O que a história do departamento de filosofia da UFPR tem a dizer sobre isso?

Essa história mostra, em primeiro lugar, que a pergunta e demanda por uma filosofia nacional não é original, mas um tema que de tempos em tempos volta à baila, nas disputas nacionais e locais em torno do que queremos que a filosofia seja e do papel

⁷⁹ Vale observar que toda essa expansão se fez com a mesma força de trabalho que se tinha nos anos 70, sem incremento do quadro docente.

que queremos que ela desempenhe entre nós. No caso da filosofia feita na UFPR, essas disputas se desenrolaram de maneira a que a filosofia deixasse de lado a pretensão de dizer o que o Brasil é ou deve ser, para abraçar o projeto de formar um Brasil que fala por si, sobre si, mas também sobre o mundo e, se assim quisermos, sobre o universal, de diversas perspectivas, a partir das muitas referências que aqui se assimila, se reelabora e se produz. Este projeto foi pensado como um projeto de democratização da Universidade e da filosofia nela feita, um processo de *formação* de um Brasil democrático, para o qual pesquisa e ensino de filosofia (incluindo o ensino médio) são inseparáveis.

Mas, o que essa história parece ter de ainda mais relevante é que ela não é preferencialmente uma história das ideias filosóficas (embora também o seja), mas uma história institucional. Não é possível separar a filosofia feita e ensinada no DEFI de sua história institucional, uma vez que a chamada filosofia no Brasil é essencialmente universitária, a despeito daqueles que pensam que assim a Filosofia (nesse caso, com maiúscula) se rebaixa, se empobrece ou se despolitiza. Longe disso, como profetizava J. A. Giannotti na mencionada entrevista a E. J. Appel nos anos 80: “o trabalho universitário, o trabalho da formação de grupos de estudo, de fazer funcionar as bibliotecas, de fazer funcionar o próprio pensamento no interior da Universidade se apresenta desde já também como um processo de organização e politização” (Giannotti; Appel, 1980, p. 74).

Referências

ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Curitiba, 1940-1943.

ANUÁRIO da Universidade do Paraná. Curitiba, 1946-1951.

APPEL, E. J. et alii. « Uma Conversa-Viagem: entre o passado e o futuro do ensino de filosofia”. In: *Revista Sul Americana de Filosofia e Educação*, numero 21, nov de 2013 a abril de 2014.

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

ARAÚJO, I. L. *Introdução à Filosofia da Ciência*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica* (tradução Vivianne de Castilho Moreira), Petrópolis: Vozes, 2023.

BARROS, R. S. M. de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: EDUSP, 1986.

BERGSON, H. O Riso. *Ensaio sobre o significado do cômico* (tradução Maria Adriana Camargo Cappello) São Paulo: Edipro, 2018.

BERGSON, H. *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (tradução Maria Adriana Camargo Cappello). São Paulo: Edipro, 2020.

BOMBASSARO, L. C. *Fronteiras da Epistemologia. Como se produz o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1992.

BOMBASSARO, L. C. *Giordano Bruno e a filosofia na Renascença*. Caxias do Sul: Educs, 2007.

CAMPOS, N. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*, Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CAMPOS, N; VIERIA, C. “Intelectuais e o processo de formação da Universidade Federal do Paraná (1912-1950)”. In: LEITE, R. L; OLIVEIRA, R. C. (Org.). *Reflexões: UFPR 100 anos (1912-2012)*. Curitiba: Editora UFPR, 2012. p. 15-47.

CARDIM, L. N. *Corpo*, São Paulo: Globo, 2009.

CHAUÍ, M. “Crítica e Ideologia”, *Cadernos SEAF*, n.1, 1978.

CONDORCET *Escritos Político-constitucionais* (tradução Cristina Foroni Consani e Amaro Fleck). Campinas: Editora Unicamp, 2013.

CONSANI, C. F. *Paradoxo da democracia constitucional: uma análise da tensão entre o direito e a política a partir da filosofia política e constitucional*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

DUARTE, A. M. *O pensamento à sombra da ruptura*. São Paulo: paz e terra, 2000.

DUARTE, A. M. *Vidas em Risco - Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DREHER, E. H. *O catecismo do eleitor católico*, Ed. Realeza, 1960.

DREHER, E. H. *O que é filosofia?* Curitiba: Gráfica Vicentina, 1977.

ECKHART, *A mística do Ser e do Não ser* (trad. Raimundo Vier, Leonardo Boff e Fidelis Vering). Vozes, 1983.

EVA, L. A. *Montaigne contra a vaidade*. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

EVA, L. A. *A Figura do Filósofo - Ceticismo e Subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FIGUEIREDO, V. B. LIMONGI, M. I. VIEIRA NETO, P. BRANDÃO, R. MOUTINHO L. D. REGO, P. C. *Seis filósofos na sala de aula*, São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2006.

FIGUEIREDO, V. B. MARQUES, M. FRATESCHI, Y. BIRCHAL, T. CODATO, A. BRANDÃO, E. SIMENANKE, R. *Filósofos na sala de aula* vol. 2, São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2007.

FIGUEIREDO, V. B. ZINGANO, M. STORCK, A. SALLES, F.O. ARAÚJO, P. R. CUTER, J. DUARTE, A. *Filósofos na sala de aula* vol. 3, São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2009.

FIGUEIREDO, V. B. ; REPA, L. S. ; CUTER, J. V. ; BOLZANI FILHO, R. ; VALENTIM, M. A. ; VIEIRA NETO, P. . *Filosofia: temas e percursos*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2013.

FIGUEIREDO, V. B *Crítica da aparência nas Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Clandestina, 2018.

FIGUEIREDO, V. B *A paixão da igualdade - uma genealogia do indivíduo moral na França*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

FIGUEIREDO, V. B “O espaço discursivo moderno: ideia e crise”. *Dois pontos* (UFPR), v. 20, p. 137-144, 2023.

FIGURELLI, R. C. *Estética e crítica*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

GARCIA. A. *Estudos de filosofia medieval: A obra de Raimundo Vier*. Vozes, 2000.

GIANNOTTI, J. A; APPEL, E. J. Entrevista de J. A. Giannotti a E. Appel. *Textos SEAF*, n. 1, janeiro/ abril, 1980.

GILSON, E. BOEHNER, P. *História da filosofia cristã, desde as origens até Nicolau de Cusa* (tradução Raimundo Vier) Edição Petrópolis, 1999.

GOMES, R. *Crítica da Razão Tupiniquim*, São Paulo: Cortez, 1983.

HABERMAS, J. *Teoria da ação comunicativa*. 2 vols. (tradução Luiz Sérgio Repa). São Paulo: Edunesp, 2022.

HAX, B. *Pensamento e objeto: a Conexão da Linguagem à Realidade*. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2015.

JUSTINO, M. J. “Espaço da Filosofia no Brasil”, *Textos SEAF*, n. 2, maio/dezembro, 1980.

JUSTINO, M. J. *50 anos do Salão Paranaense*, Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1995.

JUSTINO, M. J. *Seja marginal seja herói. Modernidade e pós-modernidade em Hélio Oiticica*. Curitiba: Editora UFPR, 1998.

KANT, I. *Textos seletos*. Vozes, 1974.

KLEIN, J. T. *Kant e a Ideia de uma história universal*. São Paulo, Loyola, 2016.

LIMONGI, M. I. *O homem excêntrico – paixões e virtudes em Thomas Hobbes*. São Paulo: Loyola, 2009.

LIMONGI, M. I. *Hume, a justiça e o pensamento político moderno*, São Paulo: Alameda, 2023.

MACEDO, U. B. *Liberdade no Império*. Ed. Convivio, 1977.

MACEDO, U. B. *Metamorfoses da Liberdade*. Ibrasa/Mec, 1978.

MACEDO, U. B. *Liberalismo e Justiça Social*. Ibrasa, 1995.

MARTINS, J.B. *Questões Fundamentais de Filosofia*. São Paulo: Fesan, 1983.

MARTINS, J. B. *Da Literatura à Filosofia*. São Paulo: Fesan, 1984.

MOCELIN, R. C. *Louis-Bernard Guyton de Morveau : chimiste e professeur ai siècle des lumières*, Ominiscriptum, 2018.

MOCELLIN, R. C. ZATERKA, L. *Ensaio de história e filosofia da química*. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.

MACHADO, A. N. *Lógica e Forma de Vida: Wittgenstein e a Natureza da Necessidade Lógica e da Filosofia*. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

MOREIRA, V. C. *Contínuo e Contingência I - estrutura e alçada da Lei de Continuidade na lógica de Leibniz*. Curitiba/Lisboa: Kotter/Colibri, 2019.

MOSER, A. *Educação e manifestação do homem*. São Pulo: Editora Juriscredi, 1972.

MOUTINHO, L. D. *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MOUTINHO, L. D. *Razão e experiência. Ensaio sobre Merleau-Ponty*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

- PAIM, A. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo e Edusp, 1967.
- PAIM, A. MACEDO, U. B. RODRIGUEZ, R. V. SOUZA, F. M. *Evolução histórica do Liberalismo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- PASCHOAL, A. E. *Nietzsche e a autossuperação da moral*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2009.
- PASCHOAL, A. E. *Nietzsche e o Ressentimento*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- PEREIRA, P. A. *O que é pesquisa em educação?* São Paulo: Paulus, 2008.
- PORTELLA, SZESZ, LEITE, “Contextos e traumas de maio de 68 na UFPR”, In: (LEITE, R; OLIVEIRA, R. C. (org.) *Reflexões UFPR 100 anos (1912-2012)*, Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- FERRAZ NETO, B. P. A. *Fenomenologia em Wittgenstein - tempo, cor e figuração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- PUPPI, U. *Itinerário para a verdade, um estudo sobre Thomas de Aquino*. Agir, 1955.
- RAMOS, C. A. “Crítica da crítica da razão tupiniquim”. *Reflexão*, V.4 N.15 (1975).
- RAMOS, C. A. *Liberdade subjetiva e Estado na filosofia política de Hegel*. Curitiba: Editora UFPR, 2000.
- RAMOS, C. A. *As faces da liberdade e a teoria do reconhecimento*. Curitiba: PUCPRes, 2016.
- REGO, P. C. *A Improvável Unanimidade do Belo - sobre a Estética de Kant*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- REPA, L. S. *Reconstrução e emancipação - Método e política em Jürgen Habermas*. São Paulo: Edunesp, 2021.
- REPA, L. S. “Uma defesa do diálogo entre as divergências” (Estadão, 24/abril/2025), *Revista Do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, 1934-1954.
- ROCHA, C. *Menos Marx, mais Mises. O liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021.
- SCHLESENER, A. *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. Curitiba: Editora da UFPR, 1992.
- SCHLESENER, A. *Os tempos da História: leituras de Walter Benjamin*. Brasília: Liber Livro, 2011.
- SMITH, P. J. *O Ceticismo de Hume*. São Paulo: Loyola, 1995.

SMITH, P. J. *Do começo da filosofia e outros ensaios*, São Paulo: Discurso Editorial, 2005.

SOUZA, J., FELIX, W, VIEIRA NETO, P., Apresentação *Cadernos PET*, n. 3. Imprensa universitária UFPR, 2000.

SPARANO, M. C. *Linguagem e significado: o projeto filosófico de Donald Davidson*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

TEXTOS SEAF, n. 1, janeiro/abril, 1980.

TEXTOS SEAF, n. 3, janeiro/dezembro, 1981.

VALENTIM, M. A *Extramundandade e sobrenatureza: ensaios de ontologia infundamental*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

VALENTIM, M. A *Antropoceno e termodinâmica do pensamento: introdução à entropologia*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024.

WACHOWICZ, R. C. *Universidade do mate: história da UFPR*. Curitiba: APUFPR, 1983.

WESTPHALEN, C. M. *A faculdade de filosofia, ciência e letras do Paraná – 50 anos*. Curitiba, SBPH, 1988.

Recebido em: 18/05/2025

Aprovado em: 16/07/2025